

FUNAI

DESPACHO DO PRESIDENTE  
 DE 13/11/2002

ANEXO

Nº 182 - Assunto: Processo FUNAI/BSB/1294/02. Referência: Terra Indígena CACIQUE FONTOURA. Interessado: Grupo Indígena Karajá. EMENTA: Aprova o relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena com fulcro no Decreto nº 1.775, de 8 de janeiro de 1996.

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO Índio - FUNAI tendo em vista o que consta no Processo FUNAI/BSB/1294/02, e considerando o Resumo do Relatório de Identificação, de autoria do antropólogo ANDRÉ AMARAL DE TORAL, que acolhe, face as razões e justificativas apresentadas, decide:

1. Aprovar as conclusões objeto do citado resumo para afiançar, reconhecer os estudos de identificação da Terra Indígena CACIQUE FONTOURA de ocupação do respectivo grupo tribal Karajá, com superfície e perímetro aprovados de 32.138 hectares e 109 km respectivamente, localizada nos municípios de Luciara e São Félix do Araguaia, Estado de Mato Grosso;
2. Determinar a publicação no Diário Oficial da União e Diário Oficial do Estado do Mato Grosso, do Resumo do Relatório Circunstanciado, Memorial Descritivo, Mapa e Despacho, na conformidade do § 7º do art. 2º do Decreto nº 1.775/96;
3. Determinar que a publicação referida no item acima, seja afixada na sede das Prefeituras Municipais da situação do imóvel.

ARTUR NOBRE MENDES

RESUMO DO RELATÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA CACIQUE FONTOURA

Referência Processo FUNAI/BSB/1294/2002. Denominação: Terra Indígena Cacique Fontoura. Localização: Município de Luciara e São Félix do Araguaia, Estado do Mato Grosso. Superfície: 32.069 ha. Perímetro: 113 km. Sociedade Indígena: Karajá. Família linguística: Jê. População 489 pessoas (2001). Identificação e delimitação: Grupo Técnico constituído pela Portaria nº 594/PRES, de 18.07.2001, coordenado pelo antropólogo André Amaral de Toral.

I - DADOS GERAIS  
 Os povos de língua Karajá vivem nos terrenos marginais ao rio Araguaia há pelo menos quatro séculos. As primeiras informações sobre sua localização datam do final do século XVI e já os caracterizam como habitantes do baixo e médio cursos desse rio. Em relação aos demais grupos Jê do Brasil Central, tradicionais habitantes dos campos cerrados, os Karajá se especializaram na exploração do rio Araguaia e de seus territórios marginais, principalmente no seu médio curso, na Ilha do Bananal, onde mantêm suas principais aldeias.

Todos os grupos de língua Karajá vieram do norte, do baixo Araguaia em épocas anteriores ao século XVI, deslocando-se para o sul em levadas sucessivas. Os Javaté foram os primeiros a atingirem o

médio Araguaia e a Ilha do Bananal, instalando-se nas proximidades da atual aldeia Karajá de Santa Isabel, às margens do Araguaia. Depois vieram os Karajá que derrotaram e empurraram os Javaté para leste, para o interior da Ilha do Bananal. Os Karajá do Norte, por sua vez, permaneceram nas proximidades do local de onde os outros dois grupos precedentes emigraram: o baixo Araguaia. A instalação dos Karajá na região do médio Araguaia, onde se inclui a área da proposta Terra Indígena (TI) Cacique Fontoura, portanto, deu-se antes de 1500.

As aldeias Karajá, até 1940 aproximadamente, se distribuíam por mais de 1.000 km de rio Araguaia. A maior parte de sua população, invariavelmente, sempre se concentrou nas grandes aldeias do trecho médio do rio, exatamente onde se encontram os Karajá de Fontoura. No início do século XX, a população Karajá podia ser encontrada em diversas aldeias ao longo do Araguaia, principalmente junto à barra de seus tributários, como o rio Tesouras, Crixás, Cristalino, Vermelho, do Coco, das Mortes, entre outros. Os Karajá de Fontoura, da mesma forma, habitavam a microbacia do Lago Fontoura, cujas sangras comunicavam-se com o Araguaia na época das cheias por meio de córregos de existência temporária. No verão e na maior parte do ano predominavam cursos d'água interrompidos, formando lagos e represas extremamente piscosos.

Essa população costumava subir esses tributários da margem esquerda do Araguaia durante a estação seca, seguindo o ciclo vital de diversas espécies aquáticas que constituem a base de sua alimentação. Diversas aldeias localizavam-se, também, junto à rede hidrográfica próxima ao Araguaia. Assim faziam os habitantes das aldeias situadas na microbacia do Lago Fontoura. Atualmente, em função da pesca, da coleta ou da preparação das roças, esses Karajá abandonavam as margens do Araguaia e subiam os formadores dessa microbacia, bem como exploravam os terrenos marginais ao Araguaia. A excelência do local fez com que na região existissem diversas aldeias: Krêhâwa, Hawalôhoky, Hawyyni, Bâdeura, Heryrina e Bedpahu. Com exceção da última, todas as demais localizam-se na margem esquerda do Araguaia. Seu território abrange parte da atual proposta da TI Cacique Fontoura e a já existente TI São Domingos. Os descendentes dos habitantes dessas antigas aldeias, da mesma forma, compõem a atual população das aldeias Fontoura e São Domingos, localizadas respectivamente no interior da TI Parque do Araguaia e no da TI São Domingos.

Considerando-se a amplitude da distribuição das aldeias Karajá no médio Araguaia no início do século XX e no seu final, chega-se à conclusão que retraíram sua área de ocupação significativamente ao longo do século. Foram abandonadas as aldeias do interior da Ilha e progressivamente diminuiu sua presença no interior da margem esquerda do Araguaia. A população Karajá, num primeiro movimento, procurou fixar-se, cada vez mais, às margens do Araguaia. Esse movimento marcou o fim do isolamento das primeiras três décadas do século XX e o início de seu contato, com as chamadas frentes de expansão da sociedade brasileira.

No início do século XXI, com a população recuperada e superior à do início do século XX, e contando com alguma assistência na área de saúde, os Karajá de Fontoura vêm, com preocupação, seu futuro imediato. A área da qual dependem para as suas principais atividades de subsistência e comércio, artesanato e pesca, vem lhes sendo progressivamente negada. Em resumo, atualmente formam uma população maior com um espaço de suporte menor.

II PARTE - HABITAÇÃO PERMANENTE

A TI Cacique Fontoura é destinada aos 489 Karajá da comunidade Fontoura, atualmente localizada na margem oposta na aldeia de mesmo nome na TI Parque do Araguaia. A TI Cacique Fontoura situa-se exatamente na margem oposta à atual aldeia de Fontoura, na margem esquerda do Araguaia, entre as cidades de São Félix do Araguaia e Luciara, no nordeste do Estado do Mato Grosso, portanto, para atingi-la basta atravessar o rio. Ao norte da TI Cacique Fontoura está a TI São Domingos, esta última praticamente encostada em Luciara. A rodovia estadual MT-100 envolve a TI Cacique Fontoura ao norte e à oeste. À nordeste da TI Cacique Fontoura localiza-se a TI São Domingos e a rodovia estadual MT-100 que contorna a primeira limitando-a ao norte e a oeste. À leste a TI Cacique Fontoura tem como limites as margens do Araguaia. Na margem oposta à TI Cacique Fontoura está a TI Parque do Araguaia, onde localiza-se o Posto Indígena Fontoura da Fundação Nacional do Índio.

Os Karajá se utilizam das matas, lagos e campos, praias e trechos interrompidos dos cursos d'água da bacia da região do Araguaia para agricultura, pesca e coleta de espécies distintas no decorrer do ano. Campos e matas das proximidades da aldeia são percorridos por mulheres e crianças, principalmente durante o verão, em busca de frutos de espécies vegetais silvestres. O cerrado e as matas inundáveis ou não próximas e mesmo as relativamente distantes das habitações são utilizadas para caça, obtenção de madeira, material de artesanato, remédios etc.

A forma de habitação histórica do Karajá foi e é determinada pelo ciclo anual de estações. No passado e no presente as aldeias do verão substituem as de inverno. Para a reconstituição do território de qualquer grupo local Karajá, portanto, é necessário conhecer-se suas moradias de inverno e verão. A reduzida quantidade de terrenos à salvo das águas nas margens do Araguaia durante a estação das chuvas, adequados às atividades agrícolas e habitação, faz com que gerações seguidas de Karajá vivessem sobre um número relativamente pequeno de aldeamentos. Tal é o caso das famílias que vivem sobre a TI Cacique Fontoura. O pequeno número de terrenos altos e secos constituiu-se num condicionante natural ao estabelecimento de aldeias em locais ainda não explorados ao longo do Araguaia. No primeiro local de aldeamentos, os objetos de uso cotidiano dos que habitaram o terreno secularmente encontram-se espalhados sobre o solo: são panelas, locais de fogos, espécies vegetais etc.

A aldeia do Morro Grande, Hawalôhoky, reunia, durante a época da chuva, uma população que durante o restante do ano es-

palhava-se sobre o território. Era uma aldeia grande, com localização estratégica que permitia a visão dos arredores, como enfatizam os próprios Karajá e como se comprova no local. Dessa aldeia durante a estação da chuva alcançavam de canoa a mata denominada Hörenihiky, no interior da atual, às proximidades da atual fazenda São João, onde mantinham suas plantações. Foi lá, quase às margens do Lago de Curica ou Höreni ahu, que o cacique Fontoura foi morto pelos Xavante quando retornava carregado da roça. Com a morte de Fontoura, o local passou a ser menos usado; novos locais de roça marginais ao Araguaia ou próximos ao Doze de Junho passaram a ser, mais utilizados desde então, fazendo com que os habitantes de Hawalöhöky e Bådeura servissem das áreas de seus parentes das aldeias Hawyyni, Krè hāwa e Bedò ahu.

Dessa forma os Karajá de Fontoura, até 1960 aproximadamente, passavam o verão na aldeia Bådeura; muitas famílias, durante parte do ano, no entanto, preferiam passar o verão em abrigos de esteira nas praias, próximas ao Araguaia, aos campos e lagos, locais de coleta e pesca. Com a chegada das chuvas refugiavam-se em Bådeura, até que a subida das águas forçava sua reunião em Hawalöhöky.

Os recursos obtidos na exploração dos campos e matas, combinados com a pesca, sustentaram historicamente e sustentam atualmente os habitantes da aldeia Fontoura. Embora os grupos familiares conhecidos remontem ao início do século, é certo que o local foi ocupado pelos ascendentes destes últimos de forma que a ocupação provavelmente remonta ao século XVII, data das primeiras menções da existência dos Karajá no médio Araguaia.

As famílias que participam do uso conjunto da área, por meio desse intercâmbio territorial, participam daquilo que se poderia chamar de comunidade de aldeias. Em outras palavras, são aldeias aparentadas e associadas na exploração de um território. É o caso das aldeias de São Domingos e Fontoura. Diversos Karajá de Fontoura mantêm suas roças no interior da TI São Domingos. Os habitantes dessa última, por sua vez, pescam nas terras no interior da proposta TI Cacique Fontoura.

A área proposta para a TI Cacique Fontoura abrange, basicamente, a microbacia do Lago Fontoura e também a do Lago Doze de Junho, bem como a margem esquerda do córrego de mesmo nome. A proposta para a TI Cacique Fontoura, elaborada pelas lideranças Karajá de Fontoura, preserva parte substancial da rede hidrográfica que alimenta os córregos e lagos de sua terra tradicional.

### III PARTE - ATIVIDADES PRODUTIVAS

Todos os povos de língua Karajá são basicamente pescadores. Especializaram-se na exploração do território marginal ao Araguaia, marcado pela alternância do estio e por um rigoroso regime de inundação. O aproveitamento desse ambiente, caracterizado pelo fluxo e refluxo da água, se concentra nas potencialidades da ictiofauna, além da fauna terrestre e das espécies vegetais dos campos cerrados e das matas vizinhas. Os Karajá de Fontoura percorrem a TI Cacique Fontoura acompanhando o calendário diferenciado de espécies da flora e da fauna, principalmente da fauna aquática e explorando intencionalmente cada unidade de paisagem. Atualmente a comercialização do artesanato, produzido em boa parte com a matéria-prima coletada no interior da TI Cacique Fontoura, é outra importante fonte de recursos para a comunidade.

A pesca, a coleta e a caça pela ordem de importância, são atualmente as atividades de subsistência mais exercidas no interior da área, uma vez que os atuais invasores proíbem a atividade agrícola dos Karajá. A coleta e a pesca são a base da comercialização da pesca e da produção do artesanato para venda, principais fontes de recursos dessa população. A pesca é realizada principalmente na TI Cacique Fontoura, bem como ao longo do Araguaia. No ápice do verão, agosto a outubro, é o tempo da pesca nos lagos visando as espécies mais valorizadas comercialmente, como o pirarucu, tucunaré, filhote e outras. No inverno (ápice de dezembro a fevereiro), pesca-se em alguns lagos e nos rios. As espécies mais apreciadas são a piabanha, pintado, piau-açu, piau e pacu.

A pesca para consumo e para venda, mormente a importância crescente do artesanato, continua como uma das principais atividades de subsistência dos Karajá. A pesca com finalidade de comercialização nas cidades vizinhas, principalmente São Félix e Luciara, visa principalmente o tucunaré e o pirarucu, entre outros peixes. Os produtos da fauna mais importantes na coleta na TI Cacique Fontoura para consumo são diversas espécies de melões, ovos de tracajá, tartaruga e lagarto, estes últimos com importância menor.

A coleta de frutos silvestres compreende principalmente o murici, pequi e oiti, além do piquiá, mangaba, puça, murici miúdo, jatobá, tatajuba e outros. Além das espécies para consumo humano, diversas outras espécies, como louro, bananinha, marmelada e sarã também são alimentos de peixes, tartarugas e outros animais, razão pela qual o Karajá acompanha sua frutificação para fins de caça, pesca e coleta.

Dos frutos silvestres coletados são comercializados o murici, durante o verão, e o oiti e o pequi, entre outros, no período das chuvas. As plantas mais cultivadas pelos Karajá são três espécies de milho, uma de macaxeira, quatro espécies de mandioca para o preparo de farinha, uma espécie de batata doce, duas espécies de inhame, uma espécie de algodão, oito espécies de banana, mamão, cana, abacaxi e espécies de abóbora e moranga. Das diversas palmeiras, os Karajá utilizam a palha para confecção de artesanato de uso e para venda, além de consumo do coco, como o babaçu, bacaba, buriti, injá, macaúba. De outras são utilizadas somente as palhas ou a madeira, caso da piaçava, tucumã, buriti e tucumã-i.

Chama a atenção a dependência dos Karajá de Fontoura em relação à área reivindicada para obtenção de quase todo o material empregado para construção de suas casas, desde os paus que fornecerão o esteio, como o capitão do campo e a aroeira, até a palha da cobertura, que vem das palmeiras babaçu mato-grossenses.

### IV PARTE - MEIO AMBIENTE

A TI Cacique Fontoura, dos Karajá da aldeia homônima, faz parte, como outros territórios marginais, da planície e da depressão da Ilha do Bananal, que extravasa os limites da ilha que lhe deu o nome e abrange também todas as áreas planas ao longo do rio nesse trecho. A planície do Araguaia, cuja maior parte é anualmente alagada, caracteriza-se pela presença de ampla rede de drenagem, lagos e barragens, lagos de meandros, meandros colmatados e diques fluviais. O principal tipo de vegetação é savana arbórea aberta nas extensas áreas de varjão (campos alagáveis), floresta de galeria e o contato savana com floresta que acompanha o curso dos rios.

Os principais ecossistemas de terra firme são a mata seca, o cerrado e o cerrado; em terreno inundado periodicamente temos o campo, cerrado, mata inundada e mata ciliar inundada. Os Karajá são tradicionais habitantes dessa área de transição em termos ambientais entre a Província do Cerrado com o Domínio Amazônico. É uma área rica em flora e fauna, característica das áreas de transição, reunindo tanto as espécies do cerrado como as amazônicas. Os solos são geralmente ácidos, de baixa fertilidade natural. Boa parte do território é anualmente inundado, sendo poucos os locais a salvo das águas. Na verdade, um território aparentemente grande apresenta poucas áreas que permitam ocupação permanente.

As principais categorias Karajá e Javaé para a classificação das paisagens do território combinam três tipos de informações: (a) o tipo de vegetação existente; (b) seu comportamento na enchente e (c) seu papel na economia do grupo. Desta maneira o território da TI Cacique Fontoura se compõe sinteticamente de badero (campo alagado), baderburé (campo aberto com árvores pouco alagado), syraró (depressão no campo onde a água se represa como lago), bjiu (mata alta não alagada), bjiu butê (mata ilhada, capão cercado de água) e wyra (praias anualmente submergidas).

Toda a microbacia do Lago Fontoura se compõe de uma série de córregos intermitentes, classificados como bero-ahu, que correm para o maior deles, o Sohoky ahu, a imensa lagoa cujos sangradouros comunicam-se com o Araguaia por aproximadamente seis meses por ano. Os Karajá compreendem este território com uma série de lagos encadeados, numa seqüência que se inicia nas lagoas e trechos represados na foz do Araguaia até as lagoas nas cabeceiras dos tributários do Lago Fontoura. Esse é o território das famílias Karajá que historicamente se especializaram na sua exploração.

A conceituação Karajá do território em questão é detalhista. A toponímia Karajá nomeia e dá significado para cada curva de rio, cada foz de córrego, cada recêntrância das margens dos lagos. Cada pequeno trecho dessa rede hidrográfica, portanto, encontra-se densamente carregado de significado histórico, ativo, mitológico e econômico.

Os campos que ficam ao norte e ao sul do Lago Fontoura na altura de sua junção dos seus formadores, os córregos São Bento e Capão de Coco, são chamados de Ijotirhe badero ou os campos da barreira comprida, que remete à sua localização paralela a um estirão do Araguaia.

Nas cabeceiras dos formadores do Lago Fontoura estão dois antigos pontos de caça e pesca dos Karajá. O primeiro localizava-se entre as cabeceiras do córrego Capão de Coco, ao norte, e do córrego São Bento, ao sul, localizava-se uma antiga ocupação. Essa antiga aldeia localizada junto ao Lago do Revólver, denominada Bijnurabê, devia ter tamanho considerável uma vez que lá faziam-se os ritos de iniciação completos, o Hetohoky, que requer grande população e recursos. Suas áreas de caça, roças e coleta compreendiam as cabeceiras do referido córrego Capão de Coco. O segundo ponto de ocupação nas cabeceiras é Aralahu bjiu, mata dos Kaiapó, nas cabeceiras do córrego Aricocó, no extremo norte da TI Cacique Fontoura. Nesse local de importância religiosa e histórica, hoje existe a Posse Aricocó.

O calendário social e econômico Karajá e Javaé divide o tempo segundo o andamento das águas sobre o território. O ano aparece dividido em tempo da enchente e tempo do estio. O início do estio ou vazante é chamado tempo das praias novas (wyra tymyra); a estiagem propriamente dita é designada o tempo das praias (wyra bede-u), que vai de julho a setembro. Cada um desses períodos do ano por sua vez divide-se numa série de outros que refletem o aparecimento de espécies com papel na alimentação. Desta forma, o tempo das praias divide-se em tempo da tartaruga e seus ovos, tempo do tracajá e seus ovos, tempo do crumata e assim por diante.

A subsistência Karajá é profundamente marcada pela influência das atividades agrícolas, da pesca, da coleta e da caça durante o ano. As principais modalidades de agressão ao meio ambiente (queimadas, pesca clandestina, destruição de extensas áreas de mata, entre outras) são conseqüências das atividades exercidas no interior da proposta TI Cacique Fontoura pelos seus atuais ocupantes. Dentre as conseqüências negativas da pecuária extensiva, principal atividade das grandes fazendas que se assenhorearam de suas terras, exercida em certas partes da TI Cacique Fontoura há mais de quarenta anos, estão o pisoteamento contínuo e a compactação do solo, derrubadas para extração de madeira e/ou queimadas em grandes proporções para aumento da área pastos em terras altas.

Os Karajá alertam para o desmatamento indiscriminado de matas ciliares e em veredas de buritis, cujos recursos naturais são essenciais à sua sobrevivência. As queimadas, por sua vez, fazem parte do plano de manejo ordinário usado regionalmente para a renovação do pasto e eliminação de pragas. Os índios alertam também para a conseqüências negativas das queimadas sobre os pomares naturais de murici e outras espécies das quais dependem, juntamente com uma grande variedade da fauna silvestres.

### V PARTE - REPRODUÇÃO FÍSICA E CULTURAL

A população atual da aldeia Fontoura é de 489, com dados de 2001. A população Karajá total é de aproximadamente 1804 pessoas vivendo em 17 aldeias ou grupos locais. Apesar das flutuações consideráveis, em função de mudanças constantes de famílias e de

#### IV PARTE - MEIO AMBIENTE

A TI Cacique Fontoura, dos Karajá da aldeia homônima, faz parte, como outros territórios marginais, da planície e da depressão da Ilha do Bananal, que extravasa os limites da ilha que lhe deu o nome e abrange também todas as áreas planas ao longo do rio nesse trecho. A planície do Araguaia, cuja maior parte é atualmente alagada, caracteriza-se pela presença de ampla rede de drenagem, lagos e barragens, lagos de meandros, meandros colmatados e diques fluviais. O principal tipo de vegetação é savana arbórea aberta nas extensas áreas de varjão (campos alagáveis), floresta de galeria e o contato savana com floresta que acompanha o curso dos rios.

Os principais ecossistemas de terra firme são a mata seca, o cerrado e o cerrado; em terreno inundado periodicamente temos o campo, cerrado, mata inundada e mata ciliar inundada. Os Karajá são tradicionais habitantes dessa área de transição em termos ambientais entre a Província do Cerrado com o Domínio Amazônico. É uma área rica em flora e fauna, característica das áreas de transição, reunindo tanto as espécies do cerrado como as amazônicas. Os solos são geralmente ácidos, de baixa fertilidade natural. Boa parte do território é atualmente inundado, sendo poucos os locais a salvo das águas. Na verdade, um território aparentemente grande apresenta poucas áreas que permitam ocupação permanente.

As principais categorias Karajá e Javaé para a classificação das paisagens do território combinam três tipos de informações: (a) o tipo de vegetação existente; (b) seu comportamento na enchente e (c) seu papel na economia do grupo. Desta maneira o território da TI Cacique Fontoura se compõe sinteticamente de badero (campo alagado), badeburê (campo aberto com árvores pouco alagado), syraró (depressão no campo onde a água se represa como lago), bijiu (mata alta não alagada), bijiu butê (mata ilhada, capão cercado de água) e wyra (praias anualmente submergidas).

Toda a microbacia do Lago Fontoura se compõem de uma série de córregos intermitentes, classificados como bero-ahu, que correm para o maior deles, o Sohoky ahu, a imensa lagoa cujos sangradouros comunicam-se com o Araguaia por aproximadamente seis meses por ano. Os Karajá compreendem este território com uma série de lagos encadeados, numa seqüência que se inicia nas lagoas e trechos represados na foz do Araguaia até as lagoas nas cabeceiras dos tributários do Lago Fontoura. Esse é o território das famílias Karajá que historicamente se especializaram na sua exploração.

A conceituação Karajá do território em questão é detalhista. A toponímia Karajá nomeia e dá significado para cada curva de rio, cada foz de córrego, cada reentrância das margens dos lagos. Cada pequeno trecho dessa rede hidrográfica, portanto, encontra-se densamente carregado de significado histórico, afetivo, mitológico e econômico.

Os campos que ficam ao norte e ao sul do Lago Fontoura na altura de sua junção dos seus formadores, os córregos São Bento e Capão de Coco, são chamados de Ijotirehe badero ou os campos da barreira comprida, que remete à sua localização paralela a um estirão do Araguaia.

Nas cabeceiras dos formadores do Lago Fontoura estão dois antigos pontos de caça e pesca dos Karajá. O primeiro localizava-se entre as cabeceiras do córrego Capão de Coco, ao norte, e do córrego São Bento, ao sul, localizava-se uma antiga ocupação. Essa antiga aldeia localizada junto ao Lago do Revólver, denominada Bijurabê, devia ter tamanho considerável uma vez que lá faziam-se os ritos de iniciação completos, o Hetohoky, que requer grande população e recursos. Suas áreas de caça, roças e coleta compreendiam as cabeceiras do referido córrego Capão de Coco. O segundo ponto de ocupação nas cabeceiras é Aralahu bijiu, mata dos Kaiapó, nas cabeceiras do córrego Aricocó, no extremo norte da TI Cacique Fontoura. Nesse local de importância religiosa e histórica, hoje existe a Posse Aricocó.

O calendário social e econômico Karajá e Javaé divide o tempo segundo o andamento das águas sobre o território. O ano aparece dividido em tempo da enchente e tempo do estio. O início do estio ou vazante é chamado de praias novas (wyra tynmyra); a estiagem propriamente dita é designada o tempo das praias (wyra bedê-u), que vai de julho a setembro. Cada um desses períodos do ano por sua vez divide-se numa série de outros que refletem o aparecimento de espécies com papel na alimentação. Desta forma, o tempo das praias divide-se em tempo da tartaruga e seus ovos, tempo do tracajá e seus ovos, tempo do crumata e assim por diante.

A subsistência Karajá é profundamente marcada pela influência das atividades agrícolas, da pesca, da coleta e da caça durante o ano; As principais modalidades de agressão ao meio ambiente (queimadas, pesca clandestina, destruição de extensas áreas de mata, entre outras) são conseqüências das atividades exercidas no interior da proposta TI Cacique Fontoura pelos seus atuais ocupantes. Dentre as conseqüências negativas da pecuária extensiva, principal atividade das grandes fazendas que se assenhorearam de suas terras, exercida em certas partes da TI Cacique Fontoura há mais de quarenta anos, estão o pisoteamento contínuo e a compactação do solo, derrubadas para extração de madeira e/ou queimadas em grandes proporções para aumento da área pastos em terras altas.

Os Karajá alertam para o desmatamento indiscriminado de matas ciliares e em veredas de buritis, cujos recursos naturais são essenciais à sua sobrevivência. As queimadas, por sua vez, fazem parte do plano de manejo ordinário usado regionalmente para a renovação do pasto e eliminação de pragas. Os índios alertam também para a conseqüências negativas das queimadas sobre os pomares naturais de murici e outras espécies das quais dependem, juntamente com uma grande variedade da fauna silvestres.

#### V PARTE - REPRODUÇÃO FÍSICA E CULTURAL

A população atual da aldeia Fontoura é de 489, com dados de 2001. A população Karajá total é de aproximadamente 1804 pessoas vivendo em 17 aldeias ou grupos locais. Apesar das flutuações, consideráveis, em função de mudanças constantes de famílias e de

grupos de famílias, a população da aldeia cresce de maneira contínua, sendo hoje a segunda maior aldeia Karajá. Esta população se divide em duas aldeias: Fontoura com 52 casas, e Cachocira, pegada à anterior, com 6 casas.

Aproximadamente metade de sua população tem 15 anos ou menos. Malgrado a assistência médica que recebem e a alta taxa de mortalidade infantil, duas vezes maior que a taxa média brasileira, a existência de 120 crianças com menos de 5 anos faz prever um grande crescimento dessa população num futuro próximo. A população Karajá encontra-se satisfatoriamente dividida tanto em termos do equilíbrio numérico entre sexos quanto em termos de sua distribuição pelas faixas etárias. Chama a atenção, no entanto, o pequeno número de pessoas no intervalo entre 41 e 55 anos. Esse fato pode indicar que o grupo encontra-se em processo de recuperação populacional após uma depopulação considerável e recente.

A partir da mudança dos Karajá para a Ilha do Bananal, a tendência foi no sentido de aumentar o número de casas, bem como de diminuir o número de habitantes por casa. A família extensa passou de compacta, aquela que habita sob o mesmo teto, para dispersa, espalhada em diversas casas, geralmente próximas. Mais ou menos dispersa, no entanto, as famílias extensas permanecem como importantes grupos discretos, atuantes em termos de subsistência, bem como na política interna da aldeia.

Atualmente a personalidade jurídica que atua junto aos Karajá é a Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais (ADRA), responsável pela aplicação da verba doada pela província italiana dos adventistas. A FUNAI instalou um Posto na aldeia apenas em 1971, em boa parte para se contrapor à presença protestante numa área considerada na época como de segurança. Os adventistas desenvolveram trabalhos nas áreas de saúde e educação, paralelamente a um intenso trabalho de evangelização (por meio de estudos bíblicos), realizado junto à escola. Mas, apesar dos investimentos de tempo e dinheiro, não existe uma igreja adventista Karajá. Existe, é verdade, um pastor assalariado pela missão que realizava cultos semanais. Apesar do proselitismo adventista, Fontoura é uma das mais conservadoras aldeias sob o ponto de vista religioso, realizando atualmente seus grandes conjuntos cerimoniais.

A situação geral da aldeia demonstra que boa parte dos projetos ali implantados encontrou um solo fértil. Existe uma associação comunitária, um poço semi-artesiano, caixa d'água e torneiras. A comunidade dispõe de trator, caminhonete toyota, voadeiras, amplas instalações para atendimento médico, salas de reuniões, escola de 1º grau, salas para produção de artesanato e corte e costura, etc. Recebem apoio e visitas da FUNASA, Rotary Clube, FUNAI, Secretarias Estaduais de Educação e de Saúde e da ADRA da Igreja Adventista.

Não obstante o número de instituições atuantes a assistência à saúde Karajá está longe de ser satisfatória. O atendimento de saúde é descontinuo e carente de medicamentos e profissionais habilitados. Segundo as informações da FUNAI, os principais problemas de saúde dos Karajá são as doenças do aparelho respiratório e as doenças infecciosas e parasitárias, com predomínio das doenças diarreicas sobre as demais. Cerca de 70% da população Karajá encontra-se infestada por parasitas intestinais patogênicos, com predominância de vermes e protozoários transmitidos pela água.

Entre as causas da mortalidade destacam-se as doenças infecciosas parasitárias, principalmente malária e diarreia, responsáveis por 38% dos óbitos, seguidas pelas doenças respiratórias com 14% das mortes. Observa-se, portanto, que enquanto as doenças respiratórias prevalecem na morbidade, as doenças infecciosas e parasitárias predominam na mortalidade. Trata-se de um perfil de mortalidade de populações carentes e desassistidas, com predomínio de doenças perfeitamente evitáveis e de cura conhecida.

O ensino se limita ao 1º Grau. O currículo da escola incorpora elementos do currículo oficial de 1º grau e outros específicos à realidade lingüística e cultural dos Karajá, como o PEBA - Projeto de Educação Bilingüe do Araguaia e realizado por meio do convênio Summer Institute of Linguistics (hoje denominado Sociedade Internacional de Linguística) e Museu Nacional (UFRRJ).

As deficiências ao acompanhamento das atividades dos professores indígenas e a falta de cursos de reciclagem mais frequentes, limitam a eficiência do ensino bilingüe, tal como foi idealizado. A falta de material didático específico para sua língua e cultura e a inexistência do 2º grau também limitam o ensino ministrado a partir das escolas em aldeias Karajá. Adultos considerados alfabetizados geralmente conseguem assinar o nome. A Secretaria Estadual da Educação do Tocantins e a Prefeitura de Lagoa da Confusão (TO) apoiam à escola, fornecendo infra-estrutura e pagando salários de professores índios e brancos por meio do Fundescola, programa de apoio às escolas rurais financiado pelo Banco Mundial.

A religião e a organização social dos povos de língua Karajá enfatizam a ligação dos vivos com seus ancestrais masculinos. É essa relação que determina a formação de grupos rituais e o lugar do indivíduo no cosmos. A planta tradicional das aldeias Karajá reflete essa divisão da sua sociedade em espaço feminino, as casas, e espaço masculino, a casa dos homens ou casa dos ijasô, ijasô heho, localizada nas costas da aldeia, entre essas e o cerrado. A realização do cerimonial, bem como de outros aspectos da sua vida religiosa, faz com que os Karajá de Fontoura sejam vistos como conservadores em termos culturais, em relação aos demais Karajá. Sua vigência atesta a visão de mundo tradicional, apesar da antiguidade do contato, da impressão de pobreza aparente e da maioria dos homens Karajá falarem o português.

É na TI Cacique Fontoura que se encontra o cosmo dos Karajá de Fontoura. Sem essa base física de sua religião a comunidade se sentiria ameaçada. O território percorrido pelos xamãs de Fontoura em suas andanças, buscando idealmente o alimento e a proteção para a comunidade, corresponde a campos e matas, aos lagos e sangradouros da TI Cacique Fontoura. É lá que estão seus aliados e conhecidos; é lá que eles obtêm seu conhecimento.

O território reivindicado, portanto, é a base de seu sistema religioso. Sua subsistência não é apenas um fato econômico mas tem íntima ligação com sua religião. Esta, por sua vez, encontra-se fundada sobre um território bem definido, em terras incluídas na presente proposta de identificação. Privá-los de seu território significa minar a infra-estrutura não só de sua subsistência como de sua religião e de seu modo de ser.

Religião e história encontram-se reunidos num mesmo território. Palco de sua história, seu território apresenta-se como uma somatória de referenciais físicos, testemunhos de acontecimentos que vão desde sua gênese mítica até episódios mais recentes. No território reivindicado, finalmente, reproduz-se boa parte da história dessas famílias em particular e da etnia em geral. Em resumo, a TI Cacique Fontoura ora proposta é plena de significado histórico e religioso.

Essa importância não se limita aos Karajá de Fontoura, mas é extensiva aos Karajá de São Domingos e, de uma forma geral, aos grupos locais do médio Araguaia. De uma forma extensiva, a TI Cacique Fontoura constitui-se em fonte de qualidade para elaboração de pesquisas sobre história da Amazônia oriental.

**VI PARTE - LEVANTAMENTO FUNDIÁRIO**

Existem atualmente oito ocupantes na proposta TI Cacique Fontoura. O quadro a seguir identifica esses ocupantes, caracterizando suas ocupações, dimensões em hectares, entre outras informações. Destaque-se que são empreendimentos agropecuários. Dentre as oito ocupações, algumas possuem benfeitorias reprodutivas (pastagens, capineiras, gramados e frutíferas) e/ou benfeitorias não-reprodutivas (represas, residências, galpões, currais, porteiras e cercas de arame farpado e estradas). A história das benfeitorias foi norteadada pela

Instrução Executiva n.º 34/DAF/00, as normas de avaliação da ABNT e pelos critérios adotados pelo IBAPE.

Os Karajá distinguem, no decorrer do processo de ocupação de suas terras, dois tipos de personagens: o primeiro é o ocupante pioneiro, o posseiro, com o qual tem boas relações; o outro é os que estão vindo da cidade grande, o fazendeiro do sudeste que geralmente compra a posse do primeiro e procura proibir o acesso do índio à área. Conforme Relatório Fundiário, até a década de 1960, conviviam na região índios e sertanejos. A partir de então o governo do Mato Grosso colocou a venda grandes extensões de terras, ignorando a existência de índios e sertanejos. A esta política, associam-se os latifúndios e a entrada de grandes grupos econômicos no Estado, tendo início uma nova etapa na história da região, marcada por intensos conflitos fundiários

Quadro Demonstrativo de Ocupantes Não-Índios

Nº de Ord.	Nome do Ocupante	Localidade	Nome do Imóvel	Situação da Ocup.	Reside no Imóvel	Tempo de Ocup.(Anos)	Área do Imóvel (Ha)	Nº Família	Nº Pessoas
01	Paulo Preuss	Luciara e São Félix do Araguaia	Fazenda Fontoura	02	Não	27	1.872,42	01	06
02	Oueifi Comercial e Agropecuária S/A	Luciara e São Félix do Araguaia	Fazenda São João	01	Não	26	15.945,41	03	14
03	Alberto Barros de Menezes	Luciara e São Félix do Araguaia	Fazenda Peixe Boi	02	Não	08	130,36	Não há	Não há
04	Maria Luz Moreira	Luciara e São Félix do Araguaia	Fazenda/Posse Aricocó	02	Sim	39	100,31	01	02
05	Cooperativa Mista Luciarense Ltda	Luciara e São Félix do Araguaia	Comill	01	Não	12	25,00	Não há	Não há
06	Onéide Sousa Fonseca	Luciara e São Félix do Araguaia	Posse Anajá	02	Sim	21	34,57	01	05
07	Odácio Henrique de Melo	Luciara e São Félix do Araguaia	Fazenda São Sebastião	01	Não	01	9.410,95	SI	SI
08	JB. Empreendimentos e Participações Ltda	Luciara e São Félix do Araguaia	Fazenda São João do Araguaia	01	Não	08	4.392,57	SI	SI

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL

Documentação

Fonte: 000 51 (222)

Data: 18/11/2002 Pg cont.

Class: Karajá 1998

Situação da Ocupação: 1 Proprietário 2 Titular da Posse  
VII PARTE - CONCLUSÃO

Pelo que foi exposto ao longo desse resumo, pode-se afirmar com segurança que a TI Cacique Fontoura, conforme identificada e delimitada no relatório apresentado aos órgãos competentes, corresponde à terra tradicionalmente ocupada pelos Karajá em caráter permanente e segundo seus usos, costumes e tradições. A TI Cacique Fontoura é também utilizada por grupos Karajá de São Domingos.

O território da TI Cacique Fontoura foi identificado e delimitado obedecendo-se a todos os requisitos da Constituição Federal para ser reconhecido como terra indígena. Suas terras são: (a) habitadas em caráter permanente, (b) utilizadas em atividades produtivas, (c) imprescindíveis à preservação ambiental e (d) necessárias à reprodução física e cultural da comunidade indígena. Nesse momento histórico em que mais precisam de suas terras, no entanto, estas lhes são negadas pela presença agressiva dos atuais invasores na região. A identificação e delimitação da TI Cacique Fontoura foi facilitada pela grande quantidade de provas da antiguidade e da atualidade da presença indígena no local. Da mesma forma, a utilização contemporânea da região em função de suas atividades de subsistência, principalmente de excursões de pesca e coleta, constitui-se fato público e notório na região.

A presença indígena no local, é bom frisar esse ponto, além de antiga, é intensa atualmente. Além da densa toponímia Karajá para a região, que identifica cada pequeno trecho da área com significado religioso e histórico, também a toponímia brasileira marca a presença Karajá na área. Em todos os mapas existentes, o imenso lago, cuja microbacia compõe a presente TI, aparece com o mesmo nome, também regionalmente consagrado: Fontoura.

A regularização da TI Cacique Fontoura, portanto, é imprescindível para a preservação ambiental. Considerando-se o custo ao meio ambiente das atividades realizadas no interior da proposta para a TI Cacique Fontoura bem como a escala crescente dos conflitos com os atuais ocupantes, os Karajá procuram obter sua efetivação legal para implementar medidas, como a retirada dos invasores, visando garantir sua integridade.

Espera-se, com o crescimento populacional, uma utilização cada vez maior de terrenos tradicionalmente explorados na TI Cacique Fontoura. A regularização fundiária da situação da TI, nesse sentido, pode evitar o agravamento dos conflitos com os atuais ocupantes de seu território. Essa regularização da terra, por meio da presente proposta de identificação e delimitação, representa o fim dos graves constrangimentos que o grupo indígena enfrenta há várias décadas. Garante, dessa forma, as terras utilizadas em atividades produtivas.

A TI Cacique Fontoura, finalmente, assegura aos Karajá de Fontoura o território sobre o qual seus ancestrais construíram sua história e sua maneira de ser. Seus territórios constituem-se no fundamento de sua religião e visão de mundo. A garantia legal das terras que ocupam é seu direito, e sua implementação necessária por ser a única medida capaz de evitar os esperados conflitos com os atuais ocupantes que já duram mais de duas décadas, bem como a continuidade dos graves danos ambientais causados por estes últimos.

A concretização da TI, finalmente, representará o reconhecimento oficial dos direitos dos Karajá sobre as matas e rios, lagos e campos que ocupam secularmente. É a garantia de seu futuro, num Estado humano e democrático.

ANDRÉ AMARAL DE TORAL  
Antropólogo-coordenador/GT PP 594/PRES/01  
Diretoria de Assuntos Fundiários - DAF  
Departamento de Demarcação - DED  
Memorial Descritivo de Delimitação  
Denominação  
Terra Indígena Cacique Fontoura  
Aldeias Integrantes  
Hawaldhòky e Bådeura  
Grupo Indígena  
Karajá  
Localização  
Municípios: Luciara e São Félix do Araguaia Estado: Mato Grosso  
Administração Executiva Regional: São Félix do Araguaia  
Coordenadas dos Extremos

Extremos	Latitude		Longitude
Norte	11°14'41" S	e	50°51'18" WGr.
Leste	11°17'43" S	e	50°40'49" WGr.
Sul	11°28'49" S	e	50°44'57" WGr.
Oeste	11°24'07" S	e	50°54'28" WGr.

Base Cartográfica

Nomenclatura	Escala	Órgão	Ano
SC.22-Z-C-I	1:100.000	IBGE	1981

Dimensões

Superfície: 32.069 ha (Trinta e dois mil e sessenta e nove hectares) aproximadamente  
Perímetro: 113 Km (Cento e treze quilômetros) aproximadamente

Descrição do Perímetro

GLEBA 1: Superfície: 1.278 ha aproximadamente; Perímetro: 20 km aproximadamente. NORTE: partindo do Ponto 01, de coordenadas geográficas aproximadas 11°14'41"S e 50°51'18"Wgr., localizado junto a uma cerca existente, segue por uma linha reta, até o Ponto 02, de coordenadas geográficas aproximadas 11°15'05"S e 50°50'33"Wgr., localizado junto a uma cerca existente, na faixa de domínio da rodovia estadual MT-100 (bordo esquerdo - sentido São Félix do Araguaia/Luciara); LESTE: do ponto antes descrito, segue por uma linha reta, acompanhando a cerca existente, na faixa de domínio da rodovia estadual MT-100, sentido Luciara/São Félix do Araguaia, até o Ponto 03, de coordenadas geográficas aproximadas 11°18'58"S e 50°52'13"Wgr.; SUL: do ponto antes descrito, segue por uma linha reta, acompanhando a cerca existente até o Ponto 04, de coordenadas geográficas aproximadas 11°18'58"S e 50°53'08"Wgr.; OESTE: do ponto antes descrito, segue por uma linha reta, acompanhando a cerca existente até o Ponto 01, início desta descrição. GLEBA 2: Superfície: 30.479 ha aproximadamente; Perímetro: 74 km aproximadamente. NORTE: partindo do Ponto 01, de coordenadas geográficas aproximadas 11°15'06"S e 50°50'31"Wgr., localizado junto a uma cerca existente, na faixa de domínio da rodovia estadual MT-100 (bordo direito - sentido São Félix do Araguaia/Luciara), segue por uma linha reta, acompanhando a cerca existente, até o

Ponto 02, de coordenadas geográficas aproximadas 11°18'01"S e 50°45'12"Wgr.; daí, segue por uma linha reta, acompanhando a cerca existente, até o Ponto 03, de coordenadas geográficas aproximadas 11°17'44"S e 50°44'57"Wgr., localizado no final da cerca, na margem direita do Córrego Doze de Junho; daí, segue pela margem direita do referido córrego, a jusante, até o Marco 03, de coordenadas geográficas 11°18'23,2"S e 50°43'15,7"Wgr., localizado na confluência com o Córrego Curica; daí, segue por uma linha reta até o Marco 04, de coordenadas geográficas 11°19'00,3"S e 50°43'07,0"Wgr.; daí, segue por uma linha reta até o Marco 05, coordenadas geográficas 11°19'02,6"S e 50°42'29,9"Wgr., localizado na margem esquerda do Rio Araguaia; LESTE: Do ponto antes descrito, segue pela margem esquerda do Rio Araguaia, a montante, até o Ponto 04, de coordenadas geográficas aproximadas 11°28'14"S e 50°45'03"Wgr., localizado junto a um canto de cerca existente; SUL: do ponto antes descrito, segue por uma linha reta até o Ponto 05, de coordenadas geográficas aproximadas 11°24'07"S e 50°54'28"Wgr.; localizado no bordo direito da faixa de domínio da rodovia estadual MT-100, sentido São Félix do Araguaia/Luciara; OESTE: do ponto antes descrito, segue por uma linha reta, acompanhando o bordo direito da faixa de domínio da rodovia estadual MT-100 até o Ponto 01, início desta descrição. GLEBA 3: Superfície: 234 ha aproximadamente; Perímetro: 13 km aproximadamente. Esta gleba é formada pela Ilha do Romildo, com os seguintes extremos:

Ponto	Extremo	Latitude	Longitude
A	Norte/Leste	11°17'43"S	e 50°40'49"Wgr.
B	Sul	11°20'09"S	e 50°42'14"Wgr.
C	Oeste	11°20'01"S	e 50°42'18"Wgr.

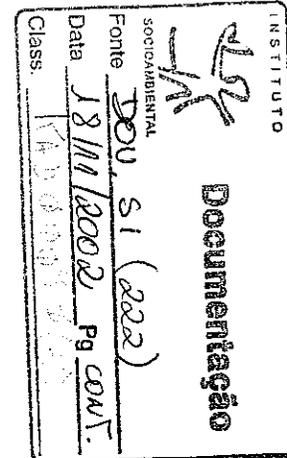
GLEBA 4: Superfície: 42 ha aproximadamente; Perímetro: 3 km aproximadamente. Esta gleba é formada por uma ilha sem denominação, com os seguintes extremos:

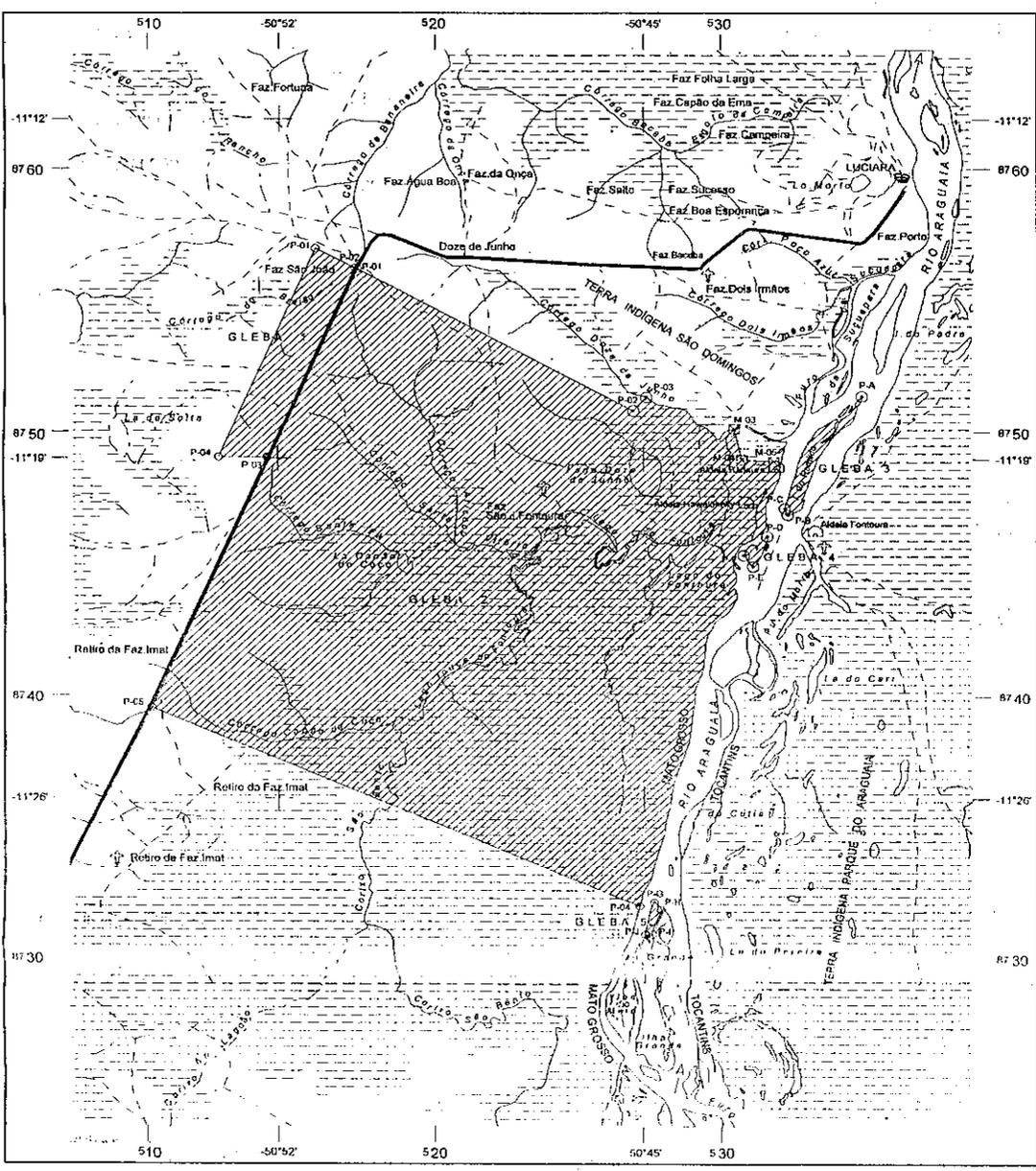
Ponto	Extremo	Latitude	Longitude
D	Norte/Leste	11°20'36"S	e 50°42'38"Wgr.
E	Sul	11°21'13"S	e 50°42'54"Wgr.
F	Oeste	11°20'59"S	e 50°43'05"Wgr.

GLEBA 5: Superfície: 36 ha aproximadamente; Perímetro: 3 km aproximadamente. Esta gleba é formada por uma ilhota sem denominação, com os seguintes extremos:

Ponto	Extremo	Latitude	Longitude
G	Norte	11°28'09"S	e 50°44'47"Wgr.
H	Leste	11°28'18"S	e 50°44'39"Wgr.
I	Sul	11°28'49"S	e 50°44'49"Wgr.
J	Oeste	11°28'49"S	e 50°44'57"Wgr.

Observações: 1. O limite norte da Gleba 2, é confrontante com o assentamento Doze de Junho, do Ponto 01 ao Ponto 03 e com a T. I. São Domingos do Ponto 03 ao Marco 05; 2. As coordenadas geográficas neste memorial descritivo são referenciadas ao Datum SAD 69, atualizada pela imagem 224/68 LANDSAT/TM, ano 2000. Responsável Técnico pela Identificação Limites: Sandra Barcelos Coelho, Engenheira Agrimensora, CREA 66724/D - MG.





- SINAIS CONVENCIONAIS**
- TERRA INDÍGENA DELIMITADA
  - POSTO INDÍGENA - CAMPO DE POUSO
  - ALDEIA INDÍGENA - ALDEIAS FIXAS E SEM FIXAS
  - MARCO DE DIVISA - PONTO DE SATELITE
  - PONTO DE ALINHAMENTO - DIREÇÃO DE CORRENTE
  - PLACA INDICATIVA - CERCA DE ARAME
  - RODOVIA DE REVESTIMENTO SOLIDO
  - RODOVIA TRANSITAVEL O ANO TODO
  - RODOVIA TRANSITAVEL EM TEMPO BOM, CAMINHO
  - RIO PERMANENTE - RIO INTERMITENTE
  - LAGO OU LAGOA - TERRENO SUJEITO A INUNDAÇÃO
  - LIMITE ESTADUAL - LIMITE MUNICIPAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
**FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI**  
 DIRETORIA DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS - DAF

<b>TERRA INDÍGENA CACIQUE FONTOURA</b>		<b>DELIMITAÇÃO</b>	
MUNICÍPIO: <b>LUCIARA e SÃO FÉLIX DO ARAGUAIA</b>		SUPERFÍCIE: 32.069 ha	PERÍMETRO: 113 Km
ESTADO: <b>MATO GROSSO      SÃO FÉLIX DO ARAGUAIA</b>		ESCALA: 1:200.000	DATA: 08/10/2002
DESP. DE IDENTIFICAÇÃO LÍMITES: ANDRÉ AMARAL DE TORAL ANTROPOLOGO		DESP. DE IDENTIFICAÇÃO LÍMITES: CANDRA BARCELOS COELHO ENGRACIA DO CARVALHO	DESP. DE IDENTIFICAÇÃO LÍMITES: MANGEL FRANCISCO COLOMBO ENGENHEIRO AGRIMENSOR C.R.L.A. N.º 84.88910-56
		PROPOSTA N.º: 594/01	